



## O PARADIGMA DA REPRODUÇÃO VERSUS OS PARADIGMAS EDUCACIONAIS

Reginaldo Oliveira Guimarães<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de promover uma breve reflexão sobre os desafios que são impostos à educação a partir das observações de Bourdieu sobre o que se observa ser o papel da educação. Dessa forma, as ideias de Bourdieu são confrontadas com os programas e as políticas educacionais vigentes, bem como com as práticas pedagógicas e os desafios impostos à educação, a partir da universalização do ensino. Nesse contexto, foi produzida, no decurso deste artigo, uma reflexão com o objetivo de avaliar como as medidas adotadas pelo Estado têm se materializado em ações concretas dentro do processo de ensino aprendizagem. Ademais, busca-se avaliar o impacto das políticas e projetos no campo educacional em curso. Para tanto, ressaltamos como o capitalismo e o neoliberalismo se fazem presentes nesse processo. Quanto à metodologia, foram efetuadas pesquisas em diferentes pesquisadores para fins de complementação dos argumentos usados. Como resultado, tem-se que há um posicionamento governamental no sentido de adotar dispositivos legais para atender às demandas impostas pela universalização do sistema de ensino, além daquelas impostas pelo sistema neoliberal. As consequências são várias: a mais penosa é não admitir que a educação seja a mola propulsora do desenvolvimento de uma nação, uma vez que não se promove a transformação da sociedade por outra via que não seja a educação, a qual é transformadora.

**Palavras-chave:** Reprodução social. Ideologias. Prática docente. Currículo.

### INTRODUÇÃO

Dos muitos desafios impostos à educação, nenhum deles é tão importante e significativo quanto o desejo de que ela seja capaz de promover as desigualdades sociais, por meio de sua capacidade de promover a inserção social das classes menos favorecidas e, neste contexto, possibilitar a ascensão social para aqueles que tiverem sucesso no processo.

Para impedir que a escola alcance esse objetivo, aqueles que ocupam postos dentro do sistema capitalista lançam mão de mecanismos para conseguirem preservar e mantê-los.

<sup>1</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Inhumas (Turma 2020/2).



Dentre esses mecanismos estão as ideologias, as quais devem ser compreendidas principalmente dentro da ótica da prática docente e do currículo.

Para tanto, procuramos expor nosso entendimento, com fundamentação em estudiosos do tema. Dessa forma, parte-se do entendimento que temos sobre a educação, bem como a respeito dos fatores que contribuem para o sucesso do processo educativo.

Para explicar o papel das ideologias, adotaremos o trabalho de Patrícia Vieira Trópia. A pesquisadora, em seu artigo “*O mundo como representação: ideologias no meio docente*”, traz, de maneira clara e objetiva, uma reflexão sobre a temática. Já no trabalho de Mariângela Castro e André Mariano, intitulado *Ideologia, escola e conhecimento: da reprodução do currículo oculto às possibilidades de superação a partir da pedagogia histórico-crítica*, encontramos os esclarecimentos acerca do currículo, de maneira a procurar a identificação das forças e dos interesses que atuam sobre ele. Assim, ao discutir as potencialidades e os limites do currículo oculto, especialmente no que tange às relações entre educação e trabalho, com vistas às suas relações com o conceito de ideologia, pode-se chegar à compreensão desses fatores.

Por fim, para melhor compreender os impasses que imperam em torno do currículo, procuramos mostrar o engessamento que sua vertente oculta causa quando é utilizada como artefato explicativo da realidade social, uma vez que nega o caráter contraditório da sociedade capitalista ao enfatizar somente o movimento de reprodução das desigualdades sociais.

## METODOLOGIA

A metodologia que embasa a realização desse trabalho é de natureza qualitativa, com finalidade interpretativa, que tem como base o trabalho de Patrícia Vieira Trópia, bem como o de Mariângela Castro e André Mariano.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O contexto histórico no qual a questão da reprodução social acontece, via educação, é aquele observado por Bourdieu ao criar o conceito de capital cultural. Para o autor, as questões culturais são vistas como fatores determinantes do desempenho acadêmico. Nesse

17, 18 e 19  
de Outubro

Semana  
Universitária 2022

BICENTENÁRIO DA  
INDEPENDÊNCIA



ANOS DE CIÊNCIA,  
Tecnologia e Inovação no Brasil.

UNIFIMES  
Centro Universitário de Minas



PESQUISA  
UNIFIMES

EXTENSÃO  
UNIFIMES

WWW.UNIFIMES.EDU.BR

contexto, Bourdieu considerou, em sua análise, a existência de duas classes: os dominantes e os dominados. Para o primeiro grupo, o dos dominantes, existe um conjunto de mecanismos adotados para manterem seu papel na estrutura social; já o segundo, o dos dominados, precisa lutar por sua ascensão social ou pela aceitação de sua condição.

Esse conjunto de forças em torno da manutenção da estrutura social acaba determinando os projetos educacionais em curso, já que esse é o modus operante que se perpetua por vias do processo de ensino aprendizagem.

A partir desse entendimento, é preciso avaliar ainda as transformações sociais, sobretudo aquelas advindas do século XIX. Dentre elas se encontram as forças dos sistemas econômicos; as novas finalidades atribuídas à educação, a partir da consolidação do capitalismo como modo produtivo; as exigências de qualificação profissional, diante da maquinaria e do acúmulo de riqueza, fato que exige um excedente de mão de obra qualificada, o que, conseqüentemente, fez surgir uma nova clientela para a escola, que é oriunda do processo de massificação do ensino e dos dispositivos legais que se fizeram necessários para garantir a chamada universalização.

Portanto, é preciso compreender que um processo de ensino aprendizagem, ainda que leve em conta a ideia de educação universal, não garante por si só a transformação social que se espera dele. Os argumentos que justificam essa afirmativa estão presentes no trabalho de Marilena Chauí, em sua obra “Ideologia da Competência”. Para a autora, quando se trata de educação, é possível perceber a forma de organização como primeira maneira de manter controle. Assim,

organizar é administrar, e administrar é introduzir racionalidade nas relações sociais (na indústria, no comércio, na escola, no hospital, no Estado, etc.). A racionalidade administrativa consiste em sustentar que não é necessário discutir os fins de uma ação ou de uma prática, e sim estabelecer meios eficazes para a obtenção de um objetivo determinado.  
(CHAUI, 2014, p. 46)

Além da organização, outra forma de se interferir no processo é por intermédio do uso de mecanismos de controle dos objetivos.

Ademais, outra questão a ser observada é a racionalidade da organização. Quanto a isso, a autora relata que





[...] a afirmação de que uma organização será racional se for eficiente e será eficiente se estabelecer uma rígida hierarquia de cargos e funções, na qual a subida a um novo cargo e a uma nova função signifique melhorar de posição social, adquirir mais status e mais poder de mando e de comando. (CHAUÍ, 2014, p. 47)

Assim, os objetivos e as racionalidades nos levam a outro elemento utilizado no processo de ensino aprendizagem como mecanismo de controle e manutenção de interesses, que é

a afirmação de que uma organização é uma administração científica racional que possui lógica própria e funciona por si mesma, independentemente da vontade e da decisão de seus membros. Graças a essa lógica inerente à própria organização, é ela que possui o conhecimento das ações a serem realizadas e das pessoas competentes para realizá-las. (CHAUÍ, 2014, p. 47)

A divisão social do trabalho passa a ser realizada segundo uma lógica da separação por competência: de um lado os competentes, destinados a dirigir; de outro, os incompetentes, isto é, aqueles a quem cabe executar as tarefas.

Essa situação se agrava ao percebermos o próprio sistema educacional se organizando em torno de interesses escusos, cuja origem não está na própria escola, tampouco na academia, embora faça parecer, por vezes, terem fundamento teórico. Nesse contexto, o discurso de defesa desses interesses encontra respaldo na sociedade quando traz leis e projetos, como se eles fossem capazes de transformar as realidades. Isso é visto principalmente na escola pública, cuja clientela vem das camadas sociais menos favorecidas, de modo que, para ela, o maior desejo é ter um bom emprego e, conseqüentemente, um salário. Dessa forma, tornam-se vítimas das armadilhas que têm como resultado final a aceitação dócil e ingênua de tudo aquilo que lhe é oferecido.

## 2.1 OS MECANISMOS DE REPRODUÇÃO

Um processo de reprodução social não teria sucesso, não fosse ele capaz de adotar, de maneira sutil, diferentes maneiras de atuar dentro da escola. Nesse sentido, as ideologias são o principal mecanismo utilizado por aqueles que querem proteger seus interesses e privilégios sociais. Para tanto, eles agem sobre a educação, através das ideias presentes em determinado

viés ideológico. Logo, podemos afirmar que não existe processo educativo livre, haja vista que essas ideologias chegam aos alunos mediante o trabalho dos professores, bem como por meio do currículo e do processo pedagógico em geral.

Quando dizemos que o trabalho do professor se constitui numa forma de reprodução de ideologias, partimos da ideia de representação coletiva e de construção das identidades sociais, como resultado de uma relação de forças entre as representações. De um lado estão os que têm o poder de classificar e nomear; de outro, as representações que a comunidade tem de si mesma. (TROPIA, 2016, p. 27)

Para professora Patrícia Trópia, a linguagem ideológica se constitui como instrumento importante em sua transmissão. Dessa forma,

se a ideologia às vezes envolve distorção, mistificação e dissimulação, isso ocorre menos em virtude de algo inerente à linguagem ideológica do que em virtude da natureza da sociedade à qual se vincula essa linguagem. (TROPIA, 2016, p.3)

As ideologias presentes nas práticas docentes têm raízes na classe social de origem do professor. Por conta disso, consciente ou não do que faz, ele age segundo essas ideologias recebidas no seio social de origem, até que sobre ele atuem as forças, ascendentes ou descendentes, da mobilidade social, fato que poderá provocar uma mudança de postura ideológica. A esse respeito, o professor Perseu escreve que

os professores de 1º e 2º Graus, muitas vezes, têm salários e condições materiais de vida que se situam abaixo de certas camadas da classe operária. Mas a sua postura ideológica, cultural e política é típica da classe média-média ou da classe média-alta, sempre muito mais disposta a ser cooptada pelos valores ideológicos da burguesia do que a se igualar ou solidarizar-se com os do proletariado. (ABRAMO, 1986, p. 80)

Esse distanciamento entre a atuação do professor e a sua identidade proletária o torna um agente de transmissão da ideologia da classe dominante, principalmente quando assume uma postura meritocrática para com os alunos.

Os pesquisadores Mariangela Castro e André Mariano, em seu artigo *“Ideologia, escola e conhecimento: da reprodução do currículo oculto às possibilidades de superação a*

*partir da pedagogia histórico-crítica*”, de 2015, trazem, por meio de Eagleton, algumas formas através das quais podemos compreender melhor o que é ideologia.

A primeira forma nos traz a ideologia como um processo natural de criação de valores, já que, segundo ele, nesta etapa, ideologia e cultura estão muito próximas. Assim, o “processo material geral de produção de ideias, crenças e valores, e, portanto, assemelha-se ao significado mais amplo do termo cultura” (EAGLETON, 1997, p. 38).

A partir desta compreensão é possível fazer uma análise um pouco mais aprofundada, sendo possível perceber as influências dos grupos, principalmente o dominante, já que, nesta etapa, verificamos a importância dos elementos sociais. Assim, Castro e Mariano sintetizam a visão de Eagleton, a qual “diz respeito a ideias e crenças, tanto verdadeiras quanto falsas, que representam as condições e experiências de vida de um grupo específico, dominante.” (CASTRO; MARIANO, 2015, p. 48).

Seguindo nesta linha de raciocínio, é preciso avaliar a influência dos interesses do grupo dominante frente aos do grupo oposto na construção de uma ideologia, já que a partir dela serão legitimados dos interesses. Desse modo, “trata-se da ascensão e legitimação dos interesses de tais grupos sociais defronte os interesses opostos”. (CASTRO; MARIANO, 2015, p. 48).

Outra forma de compreender a ideologia é vê-la como um instrumento de unificação da formação social, não só através de um conjunto de ideias, mas por meio do conteúdo formal dessas ideias. Nessa visão, conserva-se “a ênfase referida na definição anterior, porém, restringindo-a às atividades de um poder social dominante”. (CASTRO; MARIANO, 2015, p. 49)

Agora que um modelo social está formado, é preciso criar mecanismos de manutenção do modelo ideológico, agora é preciso compreender a ideologia como instrumento de distorção e simulação. Nesse contexto, os autores sugerem que “a ideologia significa ideias e crenças que ajudam a legitimar os interesses de uma classe dominante, envolvendo a distorção e a dissimulação”. (CASTRO; MARIANO, 2015, p. 49)

Finalmente, chegamos ao ponto crucial: nesta etapa a ideologia já está enraizada no seio social. Por conseguinte, tudo que é falso ou ilusório não é defendido só pelo grupo dominante, mas pela sociedade que agora acredita e legitimam tais ideias. Dessa forma, “as

17, 18 e 19  
de Outubro

Semana  
Universitária 2022

BICENTENÁRIO DA  
INDEPENDÊNCIA



ANOS DE CIÊNCIA,  
Tecnologia e Inovação no Brasil.

UNIFIMES  
Centro Universitário de Minas



WWW.UNIFIMES.EDU.BR

crenças falsas e ilusórias agora não partem mais do interesse da classe dominante, mas da “estrutura material do conjunto da sociedade de um modo geral.” (EAGLETON, 1997, p. 40)

Diante dessas questões, podemos afirmar que, a ideia, aqui, é mostrar de forma clara e objetiva como as ideologias são construídas e se utilizam de elementos como crenças e valores para obter aceitação na sociedade onde se insere, de modo a adotar, a partir de então, práticas de manutenção de um modelo dominante de pensamento. Isso exigirá dos educadores plena consciência daquilo que se defende durante o processo de ensino aprendizagem, já que aquilo que for ensinado, o que é entendido pelo aluno como verdadeiro, não deverá, no futuro, comprometer sua mobilidade social.

## 2.2 IDEOLOGIA E CURRÍCULO, PROCESSO DE REPRODUÇÃO.

Outro instrumento utilizado como mecanismo de reprodução é o currículo, seja ele o currículo explícito ou o currículo oculto. Para o primeiro caso, podemos, a partir de sua definição, entendê-lo como caminho, trajetória ou percurso na relação da escola com a sociedade. Portanto, sabendo da complexidade em torno dessa relação, será a partir do currículo, e no currículo, que encontraremos uma saída para ela.

A questão a ser debatida aqui é a apropriação do currículo como mecanismo de reprodução social. Isso ocorre uma vez que o currículo não é apenas um campo meramente técnico ou sistemático, mas um instrumento flexível e crítico, que está permeado por questões sociopolítico-econômicas, de modo a trazer, em si, a capacidade de transformar ou reproduzir a sociedade. Nele também estão expressas relações de poder, visões sociais, bem como sua capacidade de produzir identidades individuais e sociais particulares. (MOREIRA; SILVA, 2001)

A partir dessas possibilidades, o currículo se torna, então, alvo dos interesses das classes dominantes, dos sistemas econômicos e produtivos, da estrutura política vigente, das ideologias (religiosas, gênero, partidária etc.). Logo, ele se torna um instrumento que, apesar da possibilidade de ser um fator de transformação social, passa, agora, a reproduzir, em maior ou menor grau, os interesses daqueles que querem manter seu lugar na estrutura social vigente. Para tanto, a melhor forma de fazer isso é impedindo a ascensão daqueles que estão nas camadas sociais inferiores.



17, 18 e 19  
de Outubro

Semana  
Universitária 2022

BICENTENÁRIO DA  
INDEPENDÊNCIA



ANOS DE CIÊNCIA,  
Tecnologia e Inovação no Brasil.

UNIFIMES  
Centro Universitário de Minas



WWW.UNIFIMES.EDU.BR

É preciso que o currículo tenha seu ponto de partida na realidade social do indivíduo. Todavia, de igual modo, é importante que ele apresente, ao indivíduo, novas realidades. É importante, também, que ele norteie as ações pedagógicas capazes de promover o encontro do indivíduo com estas novas realidades, criando nele o desejo de ascender socialmente, o que não significa o distanciamento dos valores originários.

Se o currículo explícito traz em si estas possibilidades, o que dizer do currículo oculto? Como defini-lo? Onde encontrar evidências dele?

A escola é uma construção histórica e social e, conseqüentemente, não é uma instituição neutra. Nela ocorre o confronto de forças, pois

os projetos curriculares, os conteúdos do ensino, os materiais didáticos, os modelos organizacionais das escolas e liceus, as condutas dos alunos e do professorado, etc., não são algo que possamos contemplar como questões técnicas e neutras, à margem das ideologias e do que acontece em outras dimensões da sociedade, tais como a econômica, a cultural e a política. Pelo contrário, grande parte das decisões que se tomam no âmbito educativo, e dos comportamentos que aí se geram, é condicionada ou afetada por acontecimentos e peculiaridades dessas outras esferas da sociedade e atinge todo o seu significado sob uma perspectiva de análise que tenha em conta essa intercomunicação (SANTOMÉ, 1995, p. 13).

Noutras palavras, podemos dizer que a escola é construída sob a ideologia que define para os alunos papéis fixos na sociedade, além, é claro, de atuar para que os indivíduos os aceitem, sob a tutela do discurso neoliberal de que é papel da escola preparar os indivíduos para o mundo do trabalho. Isso tudo acontece por intermédio de um processo seletivo de agentes que ocuparão distintas posições em uma sociedade desigual.

Desse modo, o conteúdo cultural é utilizado como um filtro para a estratificação econômica. Conseqüentemente, o conhecimento que chega às escolas é selecionado e organizado conforme um conjunto de princípios e valores que representam visões de mundo segundo o olhar daqueles que, valendo-se do convencimento ideológico, tudo fazem para sustentar sua dominação.

O pesquisador e teórico de educação, Tomaz Silva, em seu livro *Documentos de identidade*, de 2009, dá uma síntese rápida do papel que a cultura cumpre nesse processo. Para ele, “é precisamente através desse esforço de convencimento que a dominação econômica se transforma em hegemonia cultural” (SILVA, 2009, p. 46).



17, 18 e 19  
de Outubro

Semana  
Universitária 2022

BICENTENÁRIO DA  
INDEPENDÊNCIA



ANOS DE CIÊNCIA,  
Tecnologia e Inovação no Brasil.

WWW.UNIFIMES.EDU.BR

São poucas palavras, porém elas explicam muito sobre o assunto. Um ponto importante é referente aos interesses econômicos que estão sob o aspecto de elementos culturais. Dessa forma, com eles, alguns poucos passam a subjugar uma grande maioria, mediante a intrínseca relação entre a organização da economia e a maneira como o currículo está constituído.

Além de tudo que está expresso no currículo formal, a escola ensina um currículo oculto que parece estar basicamente voltado à manutenção da hegemonia ideológica. Ela está assegurada através da reprodução da cultura dominante, haja vista que tal cultura apresenta superioridade e valor social. (CASTRO; MARIANO, 2015)

A maneira como isso é feito pode ser observada através de um conjunto princípios e regras que a escola ensina e que servem aos interesses econômicos por meio de uma ideologia eficaz. Nesse sentido, de acordo com Castro e Mariano,

as escolas parecem contribuir significativamente para a desigualdade por distribuírem determinados tipos de conhecimento, já que o controle do conhecimento é um fator importante para a expansão da preponderância ideológica. (CASTRO; MARIANO, 2015, p. 53)

Para romper com esse mecanismo de reprodução, é preciso reconhecer os interesses sociais que orientam a seleção e a organização do currículo. Na maioria das vezes, eles estão pautados nos interesses de poder.

Segundo os pesquisadores, todas as práticas e experiências vividas no interior da escola contribuem para reforçar as relações de poder existentes na sociedade. Por conseguinte, “é através da reprodução das qualificações e da reprodução da submissão às regras da ordem estabelecida, ou seja, à ideologia dominante, que se consegue a reprodução da força de trabalho” (SANTOMÉ, 1995, p. 60).

Como os indivíduos frequentam a escola desde a primeira infância, é notória a gravidade da situação, quando olhamos para essa instituição segundo o olhar dos oriundos das classes sociais menos favorecidas. Estes estão destinados a substituírem seus genitores na intrínseca cadeia produtiva (exploratória), já que, desde a educação infantil, há uma diferenciação entre a “hora de brincar” e a “hora de trabalhar”. Ainda que precoce, essa prática contribui para a adequação individual a uma ordem social, econômica e política. (CASTRO; MARIANO, 2015)

17, 18 e 19  
de Outubro

Semana  
Universitária 2022

BICENTENÁRIO DA  
INDEPENDÊNCIA



ANOS DE CIÊNCIA,  
Tecnologia e Inovação no Brasil.

WWW.UNIFIMES.EDU.BR

UNIFIMES  
Centro Universitário de Minas



A respeito do currículo oculto, ainda para os autores Castro e Mariano, ele

impede a consideração de uma instituição que, ao mesmo tempo em que atua na inculcação e na reprodução dos valores hegemônicos, possa funcionar como um espaço que potencialize aos desfavorecidos a aquisição dos mesmos instrumentais dados à classe dominante, reconhecendo, assim, o caráter contraditório da instituição escolar. (CASTRO; MARIANO, 2015, p. 58)

Logo, a escola aparelhada segundo as ideologias da classe dominante está longe de cumprir com seu papel social, segundo os princípios de universalidade, laicidade, promoção da ascensão social e redução das desigualdades.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A consolidação do sistema capitalista como modo de produção, sobretudo a partir do século XIX, após o desenvolvimento da maquinaria, bem como o auge da ciência e da técnica, passou a exigir do operário uma qualificação da força de trabalho.

Para atender a essa demanda, foi criado o sistema escolar institucionalizado. Por conseguinte, as escolas adotaram os padrões de eficiência e produtividade das fábricas e utilizaram o currículo para a diferenciação e seleção dos indivíduos com inteligência e capacidade. Contudo, a partir disso, as desigualdades foram ampliadas devido à distribuição diferenciada do conhecimento, provocando competição e promovendo a exclusão daqueles cujos resultados não eram satisfatórios.

Dessa maneira, a escola atua conformando sujeitos para a sociedade capitalista, especialmente reconhecendo o seu caráter contraditório e inerente, qual seja: preparar, ao mesmo tempo, sujeitos para trabalhos intelectuais (para posições de destaque) e sujeitos para trabalhos manuais. (CASTRO; MARIANO, 2015)

Ciente disso, a escola deve contribuir para o benefício daqueles que estão em desvantagem. No exercício do seu papel (bem ou mal), a escola acaba favorecendo uma ordem social e econômica complexa e estratificada, por meio do currículo. Por sua capacidade de influenciar pessoas, isto é, os alunos, a escola, quando vista como propulsora do avanço





social e pessoal, deve adotar um modelo acadêmico capaz de dar fim à manutenção das relações sociais e econômicas vigentes.

## REFERÊNCIAS

CHAUI, Marilena. **A ideologia da competência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2014.

FERREIRA, Wallace. Bourdieu e educação: concepção crítica para pensar as desigualdades socioeducacionais no Brasil. **Revista multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura Cap-UERJ**, v. 2, n. 3, 2013.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 46, 2011.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Bourdieu & a educação**. 4 ed., 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

NOGUEIRA, Maria Alice. O capital cultural e a produção das desigualdades escolares contemporâneas. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 51, 2021.

SANTOMÉ, Jurjo T. **O curriculum oculto**. Porto: Porto Editora, 1995.

SAVIANI, Dermeval. Políticas educacionais em tempos de golpe: retrocessos e formas de resistência. **Roteiro**, Joaçaba, v. 45, 2020